



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**JUCIENE DE ANDRADE SÁ**

**S E X U A L I D A D E:  
UMA NECESSIDADE DA ESCOLA**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2008**

**JUCIENE DE ANDRADE SÁ**

**S E X U A L I D A D E:  
UMA NECESSIDADE DA ESCOLA**

**Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.**

**Orientadora: Professora Ma. Maria Janete de Lima.**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2008**



S111s Sá, Juciene de Andrade.  
Sexualidade: uma necessidade na escola / Juciene de  
Andrade Sá.- Cajazeiras, 2008.  
42f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade  
Federal de Campina Grande, Centro de Formação de  
Professores, 2008.

Contém Bibliografia.  
Não disponível em CD.

1. Educação sexual. 2. Sexualidade. 3. Família e  
educação sexual. 4. Parâmetros curriculares nacional -  
sexualidade. I. Lima, Maria Janete de. II. Universidade  
Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de  
Professores. IV. Título

CDU 37:613.88

Sexualidade: Uma necessidade na escola

JUCIENE DE ANDRADE SÁ

Apresentada em 04 / 04 / 2008

Maria Janete de Lima

Prof.<sup>a</sup> (Ms.) Maria Janete de Lima.

CAJAZEIRAS – PB  
2008

## AGRADECIMENTOS

A **DEUS**, fonte de luz e misericórdia, que durante este período me concedeu forças para vencer o desânimo e trilhou os meus caminhos há conseguir esta vitória em nome do **SENHOR JESUS CRISTO** e continuará por o todo o sempre a me guiar.

Aos anjos terrenos, meu papaizinho e maizinha que desde muito menina incentivaram-me e instruíram-me a seguir o caminho correto e continuarão a fazê-lo por todo sempre aqui na terra. As minhas irmãs que sempre estiveram comigo em todos os momentos me ajudando e dando forças e a todos os professores pela instrução, aos amigos pela torcida, aos colegas de curso pelo convívio, e aos familiares e parentes de sangue e/ou de coração que torceram para que eu chegasse até aqui.

## DEDICATÓRIA

Dedico em especial a meu DEUS glorioso pelo seu propósito em minha vida, aos meus pais que amo tanto José Gomes de Sá e Joselita Sá, as minhas irmãs do coração Joseane, Juciane e Jacilene em ordem decrescente, aos meus familiares e amigos e a todos que acreditaram e acreditam direta ou indiretamente no meu sucesso. MEU MUITO OBRIGADA!

“É preciso viver bem a sexualidade. Não podemos assumir com êxito pelo menos relativo, a paternidade, a maternidade, o professorado, a política, sem que estejamos mais ou menos em paz com a sexualidade.”

Paulo Freire

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
BIBLIOTECA SETORIAL  
CALAZEIRAS - PARAIBA

## RESUMO

Esse trabalho é realizado com o intuito de mostrar a sexualidade em uma abordagem dinâmica e prazerosa. Já que o tema é considerado polêmico e não é incluído em muito dos currículos das escolas. Ao tratar de sexualidade, considera-se como algo inerente a vida e a saúde, que se expressa no ser humano, do nascimento até a morte, é um termo amplo e que necessita de uma educação continuada, uma vez que, a sexualidade é própria de cada faixa etária. Nesse sentido, a grande necessidade em que os educando demonstra acerca da temática é motivo para que haja uma grande preocupação por parte dos educadores: pais e professores em mostrar uma educação sexual correta. Contudo, precisa-se saber o que é adequado para os educando. Refiro-me a programas de televisivos, músicas, revistas, insinuações que estimulam comportamentos erotizados e sensuais, prejudicando o desenvolvimento dos mesmos, pois tais conteúdos podem gerar distorções em sua capacidade de sentir, interagir, conhecer e de se relacionar.

**Palavras-chave:** sexualidade, educação, gênero

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>   | <b>09</b> |
| <b>CAPÍTULO I – SEXUALIDADE EM UMA ABORDAGEM DINÂMICA E PRAZEROSA</b>      |           |
| 1.1 A postura da escola e dos educadores, frente à sexualidade humana..... | 12        |
| 1.2 Família e educação sexual.....   | 16        |
| 1.3 Gênero: também uma questão cultural.....                               | 18        |
| 1.4 Educação sexual na perspectiva de uma metodologia inovada.....         | 20        |
| 1.5 A sexualidade, baseada nos Parâmetros curriculares Nacional.....       | 23        |
| <b>CAPÍTULO II - ANÁLISE DOS DADOS SOBRE A SEXUALIDADE</b>                 |           |
| 2.Estudo de caso.....  | 26        |
| 2.1. Análise dos questionários.....  | 27        |
| 2.1.1. Análise dos questionários dos alunos.....                           | 27        |
| 2.1.2. Análise dos questionários dos professores.....                      | 28        |
| 2.1.3. Análise do questionário do gestor.....                              | 30        |
| 2.2. Análise do estágio.....   | 32        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>   | <b>36</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>                                     | <b>38</b> |
| <b>ANEXOS.....</b>   | <b>39</b> |

## Introdução

O presente trabalho tem como tema Sexualidade: uma necessidade na escola, que ao longo do trabalho mostrara a grande importância que a sexualidade traz para abordar temas como: corpo humano, gravidez, AIDS, entre outros, além de mostrar os benefícios e os malefícios no que se refere à sexualidade, e as dificuldades encontradas para se trabalhar tal tema.

A Orientação Sexual deve contribuir para que os adolescentes exerçam sua sexualidade com prazer e responsabilidade. Pois o tema está ligado ao exercício da cidadania, onde propõe trabalhar o respeito por si e pelos outros, além de garantir direitos básicos como: saúde e conhecimento.

Nesse sentido, percebi ao percorrer os dias em observações realizada em uma escola de ensino fundamental, a necessidade em que os educando apresentam em relacionar-se consigo e com colegas, a carência de informação, fazendo com que houvesse uma preocupação dos pais e professores, podendo assim auxiliar nas dúvidas e dificuldades.

Este é um trabalho direcionado a um estudo de caso e que aborda a sexualidade em vários âmbitos: na escola, na rua e na família. Tendo como conseqüência desmistificar os tabus e os preconceitos existentes até hoje e toda sociedade, e como foco a prática pedagógica, mostrando o caminho para desenvolver uma sexualidade naturalmente. O estudo teve como fonte de pesquisa livros, revistas, internet, e as experiências vividas no próprio dia-a-dia e o auxílio da orientadora no desenvolvimento do trabalho.

O desenvolvimento deste trabalho será dividido em dois capítulos: I capítulo – Referencial teórico – A postura da escola e dos educadores, frente à sexualidade humana é um dos temas a ser abordado neste trabalho, mostrará a importância de educadores: pais e professores em enfatizar a seus educando que sexualidade é um conjunto de fatores que compreende a vida do ser humano e por isso não é um tema

para ser tratado individualmente, já que todas as pessoas são dotadas de sexualidade. Outro ponto importante é família e educação sexual, uma vez que, sexualidade é um processo que se inicia desde o nascimento e percorre até o longo da vida, tendo os pais como os primeiros responsáveis na exploração da vida sexual da criança, sendo estes os principiantes na aquisição de valores através do amor, carinho, respeito, atenção, cuidado, afeto, enfim, da relação que estabelece entre pais e filhos.

Sendo assim não poderia deixar de comentar umas das influências da sexualidade que é gênero: também uma questão cultural, cultura esta que definiria minuciosamente a questão de gêneros como distinção entre o sexo masculino e feminino e os teriam funções diferentes na sociedade. E para se trabalhar educativamente com a sexualidade se faz necessário à utilização de uma metodologia inovada, que supra as necessidades dos educando com informações claras e objetivas, utilizando-se de atividades que interaja toda a turma em prol de uma melhor aprendizagem, no que diz respeito à sexualidade. Seguindo este direcionamento, a sexualidade baseado nos Parâmetros Curriculares Nacional, só tende a reforçar tudo que já foi exposto sobre sexualidade, intensifica que é no espaço privado, ou seja, na família que se iniciam as primeiras noções sobre sexualidade, sendo processados com atitudes e valores conservadores, liberais ou progressistas trazidos pelos próprios pais. Ficando a escola encarregada de ter um conhecimento prévio da vida dos educando, para a partir de então elaborar um trabalho que não restrinja apenas aos conteúdos didáticos que abordam tão somente questões biológicas, deixando assim despeça temas significativos na vida do ser humano, tais como: dimensões culturais, afetivas e sociais.

O II capítulo é composto de uma análise de dados que compreende a metodologia, estudo de caso que se realiza na escola com os questionários aplicados a professores, gestor e alunos, os quais responderam conscientemente a cada pergunta de acordo com conhecimento que tinha sobre o tema exposto. E a observação do estágio retratada dia por dia, observando os alunos diante de atividades propostas pelo professor sobre sexualidade. Seguindo então das considerações finais, na qual é apresentada a importância e a relevância desse estudo para o desempenho funcional dos profissionais pedagógicos.

E em caráter conclusivo, as referências bibliográficas, que dão sustentação as argumentações teóricas, e os anexos que são compostos pelos questionários de pesquisa.

Nesse sentido é fundamental que a família e a escola se unam em uma linguagem comum em prol do desenvolvimento de uma vida sexual e prazerosa para a criança e o adolescente que está sobre seus cuidados, proporcionando uma educação que se ofereça não só com acúmulo de informações, mas como possibilidade de formação e desenvolvimento da pessoa como um todo.

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
BIBLIOTECA SETORIAL  
CAJAZEIRAS - PARAIBA

---

## Capítulo I

### 1.1- A postura da escola e dos educadores, frente a sexualidade humana.

O termo sexualidade é bastante amplo, dinâmico mutável, pode ser empregado em vários sentidos, e varia desde educativo ao pornográfico, do terapêutico ao erótico. É um dos termos que engloba gênero, identidade sexual, orientação sexual, envolvimento emocional, amor e reprodução. É experimentada ou expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, atividades práticas, papéis e relacionamento. Segundo Castro et all (2004, p.30), vários autores compreenderam o estudo da sexualidade da seguinte forma:

“No período compreendido entre o final do século XIX até a metade do século XX, vários autores se dedicaram a repensar a sexualidade a partir de novos e diferentes paradigmas. Duarte (1996), Gilddens (1992) e Hilborn (1999) apontam que o conceito de sexualidade só possível ser construído no momento em que, na idade moderna, a focalização na individualidade se estrutura como constituinte da organização da sociedade capitalista.” ( Castro et all, 2004, p.30)

Neste sentido é fundamental que se compreenda que quando falamos de educação sexual, falamos de um trabalho abrangente e contínuo, um processo que facilita o desenvolvimento e amadurecimento da criança e do adolescente no que diz respeito à sexualidade, afetividade e prazer com a própria vida. É um processo que se inicia na família, com o projeto ou não dos pais para esta criança, suas finalidades e possibilidades, suas vivências e crenças sobre o que seja amor, relacionamentos ou o direito a uma vida prazerosa e saudável. Passa pela concepção, pelo nascimento e permeia a relação que estabelecem com a criança, carinho, confiança, cuidado, aceitação, limites e que depois é complementada pela escola.

Afinal, é através das pessoas significativas (Família/Escola) que a criança se desenvolve, conhece e se relaciona com o mundo. Situações íntimas e pessoais deveram ser discutidas particularmente, de preferência com um profissional especializado. Como Suplicy et. Al (2000 p.17) resulta que:

“Ao transformar-se constantemente, o educador proporciona as condições para também o educando se transformar a construção da auto-estima; a elaboração do pensamento crítico e criativo; a promoção do respeito e da solidariedade. Sendo a adolescência uma fase de intensos questionamentos e estruturação de personalidade, uma orientação bem conduzida será muito valiosa, pois possibilitará alunos e professores construir juntos o conhecimento sobre a sexualidade humana e darem novos significados a suas vivências. A problemática enfocada contribui assim, para a organização da identidade do adolescente”. ( Suplicy 2000, p.17)

Tendo a sexualidade como um termo polêmico, que deixa a desejar no currículo de muitas escolas, por ser considerado pela sociedade como espaço inadequado de discussão dessa temática, e por achar que a sexualidade deve ser abordada pela família como é responsável para a transmissão adequada sobre esse tema. Concordo com Castro (2004, p.33) quando afirma que:

“... para alguns pais escola não é lugar para ensinar Saliências, mas também se documenta que a maioria dos pais, e em maior proporção professores e alunos, são favoráveis a discussão sobre sexualidade nas escolas”. ( Castro 2004, p.33)

Quando estamos falando em cidadania, nos referimos os direitos e deveres do cidadão, incluindo a sexualidade como fonte de saúde, e que precisa ser orientado com seus deveres e direitos, a escola como responsável pela educação dos seus alunos tem como direito criar um elo de relacionamento saudável para desenvolver com os estudantes trabalhos de orientação sexual, que os permitem reproduzir esses saberes de forma correta a outras pessoas como gestos de cidadania. Concordo com Meyer (2000, p.11) quando ele afirma:

“... o ensino de saúde nas escolas, em suas diferentes vertentes teóricas e políticas, foi sempre apresentado como uma instância que deveria ter como objetivo capacitar os estudantes a tomarem as “decisões certas” para viverem vidas saudáveis e serem multiplicadores destas decisões em suas famílias e comunidades.” ( Meyer 2000, p.11)

Aqui se coloca a questão da sexualidade como uma dimensão humana séria e que precisa ser trabalhada com muita responsabilidade, com pessoas que se sintam à vontade com o tema e que se identificam com trabalho junto com crianças e adolescentes. A sexualidade é a própria marca afetiva da condição humana. As pessoas têm uma dimensão da sexualidade, como um valor real, que o define como estima, com ternura, com beleza, com envolvimento e com responsabilidade ética, com participação e aprendizado entre duas pessoas. Louro et. al(2003,p.91) diz que:

“Os professores dizem que seus alunos são fracos, com um mau comportamento, que criam um ambiente tenso nas aulas, ou apáticos, que não estão preocupados com os conteúdos que a escola tem a lhes oferecer, sendo que a escola é mais um local de relações sociais entre eles do que propriamente um local de estudo.” ( Louro 2003, p.91)

Compreendendo a sexualidade como uma questão além de pessoal e privado, está implícito em uma sociedade que discrimina, separa e classifica. O estudo sobre sexualidade não só precisa, com deve fazer parte do currículo escolar, já que para uns a família é responsável por essa educação, mas por motivos de discriminação e receio, a educação escolar deve fazer parte sim da prática pedagógica. Como afirma Meyer (2000, p.87).

“Para algumas pessoas, escola e sexualidade devem se constituir em duas instâncias distintas e absolutamente separadas. Compreendendo a sexualidade como uma questão pessoal e privada, e a escola como um espaço social de formação coletiva, e entende que cabe exclusivamente a família se ocupar da educação sexual das crianças e jovens.” (Meyer 2000, p.87).

A orientação sexual na escola é necessária porque os alunos, em todas as faixas etárias, conversam sobre o sexo e as informações que trocam entre si são incompletas, e muitas vezes erradas e preconceituosas. Se os educandos forem bem informados, iniciará sua vida sexual mais tarde e com mais responsabilidade. No entanto, a escola deve ter uma posição muito clara do que pretende. O assunto é complexo e envolve não só o professor e o aluno, mas também sua família. Diante disso a escola devera estimular no aluno a capacidade de torna-se “dono do seu destino!”. Suplicy et. al (2000,p.08) nos dizem que:

“[...] A orientação sexual é um processo formal e sistematizado que se propõe a preencher as lacunas de informações, erradicar tabus e preconceitos e abrir a discussão sobre as emoções e valores que impedem o uso dos conhecimentos.” ( Suplicy et. Al 2000, p.08)

## 1.2- Família e educação sexual

Muitos pais encontram-se despreocupados achando que na escola seus filhos terão orientação adequada sobre o tema da “educação sexual”. Na prática o que se observa é um grande despreparo das escolas neste campo, sejam escolas particulares ou públicas, e orientações totalmente inadequadas estão sendo passadas aos educandos.

Contudo, deve ser preocupação dos pais e dos educadores que os filhos tenham uma educação sexual sadia, que não se limite a um mero aprendizado do corpo humano, seus órgãos e funções, o que já é englobado pelas Ciências Naturais, nem o que seria pior, a querer transformar em técnica uma realidade natural, maravilhosa e complementar do ser humano que é a sexualidade. Não se prescinde a sexualidade do ser humano, pois o homem é um ser racional, e a razão deve ser norteadora das condutas e de seus valores. Nesse sentido, Suplicy et. al (2000,p.38),ressalta que:

“Através da reflexão e do diálogo, pretende-se que o jovem reflita sobre os valores envolvidos no comportamento sexual e perceba sua dimensão biológica, cultural ou relativa a sua classe social. Que ela seja capaz de incorporar criticamente as informações e opiniões que vier receber . Muitos dos pais provavelmente esperam que a escola incentive um valor em acreditam. No nível dos valores, o papel da escola é promover a responsabilidade e o respeito de uma pessoa por si e pelo outro. Aos pais cabe posicionar-se claramente diante dos filhos sobre o que considera correto.” ( Suplicy et. Al, 2000, p.38).

Em muitos lares as conversas sobre a vida sexual dos jovens continuam sendo completamente marginalizadas por preconceitos familiares. Os pais precisam criar hábitos de conversas com os filhos, sobre tudo que acontece de bom com os jovens na fase de transformação emocional. O adolescente, na maioria das vezes, é privado em sua liberdade de expressão. Os pais de um modo geral acham difícil falar de sexo com os filhos adolescentes, tendo como reflexão sua vida cheia de tabus. Com isso sentem muita dificuldade em agir de forma diferente da educação que receberam. Como afirma Suplicy et. al (200,p.33):

“Ao longo desses momentos, normalmente a família se constitui num lugar de tensões e conflitos. Se, por um lado existem os questionamentos do adolescente, por outro lado, os pais encontram dificuldade em aceitar a crescente autonomia que os jovens vão conquistando”. (Suplicy et al 2000, p.33)

O diálogo é importante na infância e na adolescência por ser uma fase de transição e os pais devem perceber que uma boa orientação com certeza vai diminuir a angústia e refletir melhor sobre sexo, evitando uma relação amorosa imatura. Os pais devem orientar seus filhos sem brigas e gritos, podendo apresentar novas idéias, refletindo com mais carinho e passando mais confiança nesse período emocional que é muito difícil ser percebido pelos adultos. Por isso a falta de informações nesta idade aumenta a curiosidade e leva o educando (a) a uma experiência mais rápida, sem ainda entender a responsabilidade do que está praticando, Saito (2001, p.125) resulta que:

“Nos dias atuais a ausência dos pais, a falta de diálogo encoberta pela farsa da pouca disponibilidade de tempo (tempo não é só quantidade, mas principalmente, qualidade) deixa crianças e adolescentes a mercê de outros “orientadores” como TV, internet, vídeo, opiniões quaisquer.” (Saito 2001, p.125).

### 1.3- Gênero: também uma questão cultural

Ao se falar em gênero na perspectiva de uma orientação sexual, partimos de valores culturais impostos pela sociedade. Durante muitos anos tínhamos uma sociedade dividida rigorosamente, onde mulher estava ligada exclusivamente aos cuidados da casa e da educação de filhos ou irmão, e os homens fortes e valentes eram conduzidos a assumir funções na sociedade predestinado ao sexo masculino. Mas com o passar dos anos foi mudando-se de figura, as mulheres aos poucos foram tomando lugar na sociedade, a partir de movimentos feministas, mas mesmo assim vemos ainda hoje, que mesmo com a conquista das mulheres em espaço determinado para o sexo masculino, se presencia distinções entre homens e mulheres que permeiam uma cultura ainda sustentada pela sociedade. Sendo assim Suplicy enfatiza a distinção entre os sexos da seguinte maneira:

“ A manutenção desses valores é garantido através de uma educação que geralmente trata as meninas como seres frágeis e dóceis e os meninos como fortes e eficientes. ( Suplicy 2000, p.60)

Além da discriminação do sexo feminino, a relação de gênero propicia uma visão de reflexão, que possibilite a compreensão de que o comportamento do homem ou da mulher não tem origem biológica, e que a partir de então, cada sexo tem características próprias de cada indivíduo. A homossexualidade por não encaixar no perfil biológico em relação ao comportamento pessoal, na maioria das vezes passa por exclusão social, onde se procuram uma causa para o homossexualismo e formas de combatê-las perante a sociedade, como se fosse uma doença. E assim vivendo em uma sociedade com tantas modernidades e informações, ainda percebemos a dificuldade de entender a existência da diversidade e a capacidade de respeitar e conviver com a individualidade de cada pessoa. Sendo assim, Suplicy et all (2000, p.61), enfatiza que:

“O uso do conceito de gênero nos auxilia a refletir tanto sobre a discriminação da mulher como sobre o preconceito diante da homossexualidade, passando pela relação de poder e pela desvalorização do trabalho feminino. O resultado dessas reflexões talvez possa contribuir para a superação da desigualdade de gênero e de forma mais ampla, da desigualdade social”. (Suplicy et all 2000, p.61).

A escola, bem como toda sociedade é responsável pela construção da identidade de gênero e da identidade sexual, já que as mesmas não se desenvolvem de forma separada e naturalmente, estão intimamente relacionadas com a cultura e a sociedade, e por a escola ser uma instituição social não é possível separar a escola dessas identidades. Assim afirma Meyer (2000, p.89).

“Essas distintas identidades sexuais e de gênero, no entanto, compartilham um processo semelhante de formação: todos soam socialmente construídos, nenhuma é natural.” (Meyer 2000, p.89).

E com isso a escola infelizmente só afirma o que é de natural, como por exemplo, a construção de uma família, com o casamento, ou seja, a junção de homem e mulher, silenciando outros assuntos relacionados à identidade sexual, como o homossexual ou o bissexual, e conseqüentemente considerando que a heterossexualidade é uma manifestação realizada entre pessoas normais e sociais. Em virtude de tanta discriminação é que se fazem pessoas incapazes de aceitar a diferença de cada um, e um mesmo nível na sociedade. Concordo com Meyer (2000.p.92) quando ele diz que:

“...a escola simplesmente não fala da homossexualidade ou da bissexualidade; a escola desconhece ou esconde meninos e meninas, jovens e adultos homossexuais.” (Meyer 2000, p.92).

#### 1.4 – Orientação sexual na perspectiva de uma metodologia inovada.

A consequência de viver com prazer é uma relação natural e espontânea sem medos e sem dúvidas. Onde os pais e professores orientam com liberdade e educam para que sejam responsáveis pelos seus próprios atos. Falando mais sobre as doenças, a gravidez, e os métodos contraceptivos. Mostrando que sinônimo de prazer, não é pecado, pois somos desde as nossas origens, dotados de sexualidades, onde o prazer tem qualidades puras: a afetividade, a capacidade de se ligar aos seus semelhantes e com a natureza, e a capacidade de ter sentimentos. Informa Tiba (1994, p.112):

“[...] a novidade concreta é o desejo. [...] É preciso encarar o assunto de frente. Sim, sexo dá prazer e, como tudo o que dá prazer precisa ser usado com sabedoria para não causar o efeito contrário. Assim, é preciso discutir quais são os riscos de algo que é tão gostoso. É torna-se viciado? É engravidar? É pegar doenças? Então, é preciso lidar com todos esses aspectos para que, quando chegar à hora, o jovem saiba lidar consigo mesmo.” (Tiba 1994, p.112).

Utilizando-se de uma metodologia para abordar a sexualidade na escola é necessário que o professor trabalhe em cima de atividades grupais que vivencie o exercício da sexualidade de cada um de forma engraçada e prazerosa, seguindo de espaço que permita a participação interativa de todos os alunos, deixando-os a vontade para dizer o que pensa e o que sente suas vivências, do que sabe, tudo para haver uma troca de experiências e reflexão sobre conteúdos abordados. Nesse sentido Meyer (2000, p.104) afirma:

“Para o trabalho de educação sexual é mais recomendável o uso de métodos de ensino que privilegiem a participação do aluno, não só como sujeito da ação educativa, mas, também, como agente desta ação.” (Meyer 2000, p. 104).

É importante também se trabalhar na sala de aula com atividades preventivas que valorizem o ser humano, no seu estilo de vida, limites, atitudes e hábitos. Abordar assuntos como às drogas, o que elas podem causar, quando se chega a dependência dessas drogas, o uso alusivo ou não de drogas, como também o abuso sexual, entendendo que estupro não está apenas relacionado à penetração, e sim qualquer ato de não consentimento da vítima, que é coagida física, emocional ou psicologicamente. Na prevenção da gravidez indesejada, de doenças sexualmente transmissíveis. Todo esse trabalho serve como condicionamento para uma vida sexual sadia e prazerosa. É interessante quando Meyer (2000, p.154) afirma:

“Assim, a educação preventiva que a escola pode fazer compreende intervenções nos diferentes níveis de prevenção abrangendo todas as faixas etária da infância ao adulto jovem, com ações que compreendem a informação específica sobre drogas assim com inespecífica referentes às questões do cotidiano que envolva relacionamentos, cuidados com o corpo, comunicação sexualidade, HIV/ AIDS.” ( Meyer 2000, p. 154).

Além da prevenção, a escola deve contribuir para uma visão positiva da sexualidade, é ela que esta responsável pela desmistificação desse tabu, transmitindo de geração para geração que sexualidade não é assunto privado, onde os adolescentes discutem com eles mesmos informações que obtém na mídia ou com outras pessoas, muitas vezes informações deturpadas que só deixam à cabeça dos adolescentes cada vez mais confusas. Sendo assim Suplicy et al (2000, p.10) argumenta que:

“Se a escola não tratar da questão sexual, estará transmitindo aos alunos a noção de que o assunto é mesmo um tabu, sobre o qual não se pode falar. Seria algo tão individual que cada um guardaria para si, sem comentários no máximo, pode se conversar sobre isso em casa. Ou ainda se trata de algo que não é objeto de conhecimento sério, não faz patê de educação e se aprende com os colegas, ou através de revistas e filmes pornográficos ou em zonas de prostituição.” ( Suplicy 2000, p. 10).

Se a escola não desenvolver espaço de discussão na sala de aula está omitindo uma capacidade crítica, que deveria ser repensada a partir de valores que teriam de ser analisados mediante uma liberdade de pensamentos que envolvem dimensões privadas e sociais de sua existência, e que a escola como toda sociedade é constituída de opiniões diversas nas quais devem ser discutidas com todo respeito, propriamente por um profissional que possibilite tranqüilidade com esse tema, sexualidade vai deixar de ser fonte de agressão, balbúrdia e exibicionismo, para ser um tema discutido com grande seriedade e assim falando sobre sexo com maior naturalidade e até com os próprios pais. Suplicy et al (2000, p.14) descreve:

“Para o aluno, essa capacidade pode resultar em maior curiosidade intelectual e abrir sua visão de modo que para o educador e para a escola, pode estimular inesperadas práticas educacionais; para a família pode gerar novos laços de afetos e diálogo.” (Suplicy et al 2000, p. 14).

Nesse sentido o professor com toda sua experiência e conhecimento adquirido não deve opinar e se posicionar diante de seus alunos. É interessante que o educador ao esclarecer sobre o assunto problematize discussão a partir de comentários e situações em que os adolescentes demonstrem que a sexualidade é algo engraçado, sendo este o ponto de partida para cada educando se posicionar, sem ser julgado de certo ou errado, verdadeiro ou falso, e sim respeitando seus valores e suas opiniões, é se possível fazer comentários surgidos a partir de preconceitos. Suplicy et al (2000, p.22e23), afirma:

“Embora sexualidade seja assunto sério, não deve ser tratado como algo pesado. As risadinhas refletem a situação dos jovens. Em vez de reprimir, o orientado pode aproveitar a situação para colocar em discussão à razão de tais comportamentos e refletir acerca dos sentimentos do grupo. A discussão diz respeito à sexualidade de meninos e meninas e não a questões pessoais, estas devem ser evitadas, em principio.”. (Suplicy et al 2000, p. 22 e 23).

## 1.5 – Histórico segundo os PCN

Já que a educação sexual começa com o planejamento familiar, os pais têm grandes influências no desenvolvimento da sexualidade da criança, ela pode trazer consigo mesma a manifestação de uma sexualidade conservadora, progressista ou liberal. Os pais transmitem através de gestos, expressões ou proibição, valores que se estenderá ao longo de suas vidas, e situação vivida no seu cotidiano vão ser questões trazidas para sala de aula, e que o professor deve repensá-las, para desenvolver uma ação crítica, reflexiva e educativa. Vejamos o que diz o PCN (2001 p.112).

“O afeto de a família ter valores conservadores, liberais ou progressistas, professar alguma crença religiosa ou não e a forma como o fez determine em grande parte a educação das crianças pode-se afirmar que é no espaço privado, portanto, que a criança recebe com maior intensidade as noções a partir das quais construirá sua sexualidade na infância”. (PCN 2001, p. 112).

As escolas na maioria das vezes restringem o tema sexualidade apenas a conteúdos relacionados aos órgãos reprodutores masculinos e femininos, não estão preocupados em abordar questões relacionadas ao prazer, emoção e sentimentos. Muitas vezes não conseguem suprir as necessidades e as curiosidades próprias dos educandos. Enfocando apenas o corpo biológico e não inclui as dimensões culturais, afetivas e sociais pertencente a cada ser humano. De acordo com PCN (2001 p.113).

“Muitas escolas, atenta para a necessidade de trabalhar com essa temática em seus conteúdos formais, incluem aparelho reprodutor no currículo de ciências naturais. Geralmente o fazem por meio da discussão sobre a reprodução humana, com informações ou noções relativas à anatomia e fisiologia do corpo humano.” (PCN 2001 p. 113).

Diante de todo um trabalho que envolve a sexualidade, é importante que o professor perceba as necessidades em momentos distintos na vida dos educandos, relativos a assuntos sobre sua vida cotidiana, que precisam ser esclarecidos para maior ênfase em relação à sexualidade, é interessante que o professor esteja atento a essa questão, pois o mesmo vai usar de repetição de conteúdo para satisfazer a curiosidade dos seus alunos, ou algo que não tenha ficado esclarecido em suas mentes. Nos PCN (2001 p.143) podemos identificar,

“O educador deve estar atento para a necessidade de repetir o mesmo conteúdo já abordado. As crianças vivem suas curiosidades e interesses na área de sexualidade em momentos próprios e diferentes um dos outros, ocorrendo muitas vezes estudo e a discussão de um tema com pouca apropriação desse conhecimento para alguns. A retomada é importante e deve ser feita sempre que as questões trazidas pelos alunos apontarem sua pertinência.” ( PCN 2001, p. 143).

Na busca de se ter uma orientação sexual preocupado em fornecer informações necessárias no desenvolvimento de uma sexualidade sadia e prazerosa, é fundamental a seleção de conteúdos oriundos de cada faixa etária, é interessante cada nível de idade, o professor pode abordar desde o conhecimento de próprio corpo, a relação de gêneros e prevenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis. De acordo com os PCN (2001 p. 138).

“... Orientação sexual responde à necessidade de eleger tópicos que devem ser necessariamente trabalhados e relacionados ou eleito pelos alunos e sempre devem estar presentes em qualquer programa de orientação sexual, de discussões básicas sobre sexualidade.” (PCN 20014, p. 138).

Nessa perspectiva, acredita-se que orientação sexual deve contribuir para que os educandos exerçam suas sexualidades com prazer e responsabilidade. Pois o tema está ligado ao exercício da cidadania, onde propõe trabalhar o respeito por si e pelos outros, além de garantir direitos básicos como: saúde e conhecimento.

Portanto, é fundamental que a família e a escola se unam numa linguagem comum em prol do desenvolvimento de uma vida saudável para os educandos que está sobre os seus cuidados, proporcionando uma educação que se ofereça não só como acúmulo de informações, mais como possibilidade de informação e desenvolvimento da pessoa com um todo.

## CAPÍTULO II – ANÁLISE DOS DADOS

### 2. Estudo de caso

Um dos procedimentos utilizado para a realização deste trabalho é o estudo de caso, nele selecionamos apenas um objeto de pesquisa, obtendo grande quantidade de informações sobre o caso e, conseqüentemente aprofundando seus aspectos. Nesse sentido, Matos (p. 58, 2001) afirma que: “ O estudo de caso é uma prática simples, que oferece a possibilidade de redução de custos, apresentando como limitação a impossibilidade de generalização de seus dados.

Para tanto, foram realizadas umas observações na 4º série da Escola Municipal de Ensino Fundamental “Rômulo Pires”, na cidade de Sousa/PB, com o intuito de nos familiarizarmos e captarmos informações para atender as necessidades precisa neste trabalho. Concordo com Matos quando afirma que:

“A observação é uma técnica muito utilizada, principalmente porque pode ser associada a outros procedimentos, por exemplo, a entrevista. Para ser considerada eficaz para a pesquisa científica, temos de observar, compreender o que é essencial e fazer registro. Devemos ainda lembrar que a observação deve ser orientada por um objeto de pesquisa, planejada, registrada e ligada a proposições mais gerais e que, além disso, deve ser submetida a controle de vaidade e precisão”. ( p. 58, 2001).

Com este propósito observamos alguns requisitos tais como: a estrutura física da escola, a organização da sala de aula, a relação professor aluno, a relação alunos e alunos, as atividades desenvolvidas na sala e os recursos didáticos utilizados pela aquela instituição.

Além de outros instrumentos como a aplicação de questionários dirigidos a professores, alunos e gestores, e finalizando assim com um estágio.

## **2.1. Análise de questionário**

### **2.1.1. Análise dos questionários dos alunos**

Foi aplicado um questionário direcionado a professores, gestor e alunos de uma escola, a fim de obter informações a cerca de uma orientação sexual na escola. Para tanto, foi pedido que as perguntas fossem respondidas conscientemente, pois a partir delas é que se teria uma visão do trabalho realizado no âmbito escolar.

No entanto, participarão da pesquisa 10 alunos, com idades de 11 a 16 anos e que freqüentavam a 4ª Série. De início foi perguntando para eles se já tinham ouvido falar em sexualidade, as respostas variaram, onde 60% disseram que sim e 40% nunca ouviram falar em sexualidade. Outra pergunta composta no questionário era a seguinte, para eles o que é sexualidade, no momento em que leram essa pergunta não sabiam bem o que dizer, foi quando falei alguma coisa sobre sexualidade, mas logo responderam o seguinte, 60% disseram que está relacionado a sexo, 20% afirmou que é uma coisa feia, 20% uma brincadeira. Percebi que eles não estavam aptos ao assunto, respondiam o questionário sem nenhum tipo de informação e meio receoso ao falar sobre o assunto. E nesse sentido, Suplicy (2000, p. 45-46) descreve o seguinte: “O desconhecimento é vivenciado de formas diversas, segundo a história de cada um, através de momentos de recolhimento e expansão, da experiência de limites e responsabilidades, perdas e conquistas”. E a próxima pergunta era se eles gostariam que a professora falasse sobre sexualidade com a turma, 60% disseram que sim e 40% não, confesso que me surpreendi, pois achava que todos gostariam que falasse desse tema. Foi quando as perguntas mudaram de sentido, as se direcionava aos fatores da sexualidade.

E ao perguntar se devemos respeitar as diferenças entre as pessoas todos responderam que sim, e quais conteúdos gostariam que fossem discutidos em sala de aula e responderam que fossem discutidos em sala de aula com mais de um conteúdo da seguinte forma 100% sobre o corpo humano 60% gravidez, 50% a diferença entre homens e mulheres, 40% AIDS e DSTS e 20% violência sexual e aborto. Então finalizei o questionário perguntando se em algum momento já foi discutido sobre sexualidade com a sua família, 70% respondem que não e 30% disse que sim.

### **2.1.2. Análise dos questionários dos professores**

Com relação ao questionário aplicado aos professores, 03 se dispuseram a responder coerentes ao tema sexualidade. A 1ª professora, com formação profissional no magistério e com 12 anos atuando na área de educação como docente, foi ciente em responder, qual a importância de se trabalhar sexualidade na sala de aula, a mesma respondeu a questão da seguinte forma, “É de estabelecer as relações entre aspectos biológicos, afetivos e culturais na compreensão da sexualidade e suas manifestações nas diferentes fases da vida”. Já a 2ª docente, com 05 anos de atuação e ainda cursando o magistério, respondeu a mesma pergunta argumentando, “É propiciar informações necessárias para o desenvolvimento de uma sexualidade sem preconceito”. A 3ª também formada em magistério, com 07 anos trabalhando como docente, afirmou que “A importância é que os alunos tenham uma visão mais ampla sobre o que é sexualidade, e os tornem pessoas mais conscientes e capazes de identificar os pontos positivos e os negativos de uma vida sexual”.

Outra questão dizia qual a dificuldade em se trabalhar sexualidade de forma clara e direta. A 1ª professora disse “A dificuldade está na elaboração de perguntas e suposições acerca dos assuntos estudados”. A 2ª “Na falta de preparação do professor e da reação por parte da família dos alunos”. E a 3ª relatou, “Que ainda existe muita restrição em discutir sexualidade na sala de aula, não há muita informação, e quando tem é um pouco preconceituosa e as pessoas têm medo e receio em falar sobre o tema”.

Mais uma pergunta que questionava se no papel de educador, considerava preparado para falar sobre sexualidade em sala de aula, e todas três sem exceção de nenhuma, falaram que não se sentem preparada em relação ao tema. Na questão a quem atribui as dificuldades encontradas para discutir sobre Orientação Sexual na escola, as respostas vieram da seguinte forma. “A grande dificuldade encontrada diz respeito a falta de preparo para com os professores, sendo da responsabilidade do governo e da falta de compromisso para com o assunto” (1ª professora). “Atribuo aos profissionais da educação que nada investe para que este tema tão importante faça parte do currículo da escola” (2ª professora). “No mundo moderno, na era da informação, ainda existe barreiras para discutir sobre uma vida sexual segura, encontra-se dificuldades na conversa com pais e professores sem uma orientação adequada, sendo assim, os jovens procuram essas informações nas ruas com outras pessoas e de forma errada que prejudica a sociedade” (3ª professora).

E quando a pergunta era se orientação sexual deve ser objeto de estudo dos professores, todos tiveram perguntas parecidas, diferenciando apenas na forma de se expressar. “ Com certeza, pois somente através de um estudo é que os professores poderão se preparar melhor” ( 1ª professora). “Sem dúvida alguma, para abordar o tema tem que se ter antes de mais nada uma boa preparação” ( 2ª professora). “Sim, o professor é capaz de solucionar e formular problemas, para isso tem que está preparado e atualizado” (3ª professora).

Contudo, todos sabem da importância e os cuidados de se trabalhar com a sexualidade, uma vez que, o educando não esteja apto a abordar o tema, deveria tomar posições para o enriquecimento de informações e atualizações necessárias sobre o tema. E o currículo da escola por sua vez, fosse integrado a orientação sexual e que os governantes assistencializem mais programas sobre tal abordagem. Sendo assim, Suplicy (2000, p.9-10) enfatiza: “É função do Estado propiciar a sociedade informações e Orientação sobre sexualidade , bem como o acesso aos meios anticoncepção.

“A Orientação Sexual deve integrar o currículo das escolas públicas e ser objeto de treinamento dos professores”.

### **2.1.3. Análise do questionário da gestora**

Ainda em uma perspectiva de aquisição de informação, parti para um questionário em direção a gestora, a mesma respondeu a 1ª questão, quais as dificuldades para se abordar sexualidade, “A principal dificuldade é o preconceito com que a sociedade de modo geral trata o assunto”. A 2ª questão, como se trabalhar com a sexualidade e que atividades devem ser realizadas. “Com naturalidade, como qualquer outro assunto... conversas diálogos, textos educativos, palestras, ilustrações, etc.”. A 3ª questão é que contribuição a escola pode fornecer no desenvolvimento de uma sexualidade saudável na vida dos alunos, e a resposta veio da seguinte forma “Na escola o aluno pode adquirir informações que ira utilizar no seu cotidiano, e assim evitar doenças, gravidez indesejada, e isso só será possível através do conhecimento. Mais uma questão dizia, mediante um trabalho de gestora, considera a escola um espaço privilegiado para discutir sobre sexualidade. “ Sim é na escola que muitas dúvidas serão tiradas, aquelas que por preconceito ou medo , a família não aborda, além de haver uma metodologia mais aplicada”. E a ultima questão é se considera a educação sexual um fator importante na formação dos professores. Como era de conhecimento da gestora, as dificuldades em lidar com este tema , respondeu o seguinte, “Sem dúvida, o professor deve ser preparado para ministrar este assunto com segurança, responsabilidade e naturalidade, já que o mesmo é tão importante, quanto os demais”.

Com relação às informações adquiridas, percebi que a sexualidade é considerada como fator importante na educação, mas que ainda não é colocado em prática de forma devida, já que os programas de educação não disponibilizam subsídios para uma melhor qualificação no assunto. Contudo, Meyer (1998, p 95) enfatiza: “A escola dá lições de sexualidade cotidianamente, muito além das possíveis sessões de educação ou orientação sexual previstas no currículo; em conseqüência, a qualquer tentativa de um projeto educacional alternativo implica uma tomada de posição mais ampla.”.

Desse modo, direto ou indiretamente, com ou não permissão dos pais, os jovens presenciam constantemente informações sobre sexualidade indevidamente, e a escola por sua vez, não está cumprindo com seu papel de orientar e satisfazer as necessidades em que os alunos precisam sobre o tema, deixando-o assim desinformado ou com informação inadequada. Nesse sentido, Suplicy (2000, p.11) argumenta: “Não há como escapar. Mesmo que a escola se omita estará acontecendo algum tipo de educação sexual. No caso, repressiva, inadequada e deformadora”. Por isso tão importante essa afirmação, não basta fechar o olhos, e fingir que tudo vai da certo, a sociedade necessita de pessoas informadas e capacitadas.

## 2.2. Análise do estágio

O presente trabalho tem o objetivo de realizar um estágio supervisionado, para atender as exigências do trabalho de conclusão do curso de Pedagogia, na disciplina “Prática Docente”.

A atividade se deu inicialmente com uma observação diária em instituição de ensino. Ao chegar à escola uma das primeiras observações, foi à estrutura física da escola, pois a mesma, embora um pouco defasada com paredes sujas e piso estragado, seguia-se de uma boa higienização. As salas eram bem amplas com janelas e ventiladores, ornamentadas com cartazes produzidos pelos próprios alunos. Por ser uma turma pequena, com apenas 13 alunos, a professora tinha uma boa relação com todos eles, sendo esta relação recíproca para com a professora. Já a relação aluno e aluno era meio complicado, uma vez que, a sala era heterogênea, a diferença de idade e o nível de aprendizagem entre eles, sempre tornava motivo de piadas e constrangimentos, e umas das frases citadas por ele dizia o seguinte: “Luciana tem idade de ser a mãe de Alessandro”, e outras mais como um sabe mais do que outro, todas essas situações era motivo de críticas um para o outro. Ao referir a atividade aplicada pela educadora, eram sempre tradicionais, nada com um pouco de criatividade e inovação, pois as mesmas se davam sempre rotineiras, utilizando-se da cópia e dos exercícios do livro didático ou do quadro-negro. Percebi que um dos objetivos daquelas atividades era deixar a turma toda em silêncio, parecia até um efeito de mágica.

A escola apresentava grande escassez quanto aos recursos didáticos, uma prova desse grande problema, era que a professora trazia de casa uma toalhinha que serviria de apagador. Por atender a um público com carência financeira, a educadora disponibilizava de material escolar como: caneta, lápis, borracha, apontador e corretivo, para atender as necessidades de seus alunos. Os mesmos sentiam-se ansiosos para à hora do lanche, estes servido na própria sala de aula e depois liberados para brincarem, ao som de música de axé ou forró, mostravam-se bastante empolgados ao cantar e fazer encenação com as letras das músicas, além de fazer de simular bricadeiras violentas.

E ao colocar uma música de banda de forró do conhecimento deles, pedimos que dançassem e cantassem, e assim os fizeram, igual a hora do recreio. E foi com as músicas expostas e com perguntas indagadas, que se começou a argumentação sobre as letras das músicas, e já começavam a dissertar sobre questões que para eles não queria dizer nada, onde na verdade foi alvo de discussão sobre a erotização e o apelo sexual.

E a cada dia que se passava, surpresas iam surgindo quanto a posição deles ao tema exposto, as perguntas já não se dirigia a caixinha quase todos já falavam abertamente sobre o tema, evidentemente com algumas malícias e ironia, mas nada que virasse motivo de badernas. Quando foi exposto painéis sobre o corpo humano, que abordava o desenvolvimento do corpo, as semelhanças entre adultos e crianças e a diferença física e fisiológica entre os sexos, foi motivo de piadas e risos, mas nada que impedissem de fazer dessas piadas, discussões que falasse sobre o assunto de forma correta. E quando na aula seguinte, foi explanado sobre o aparelho reprodutor masculino e feminino, no qual já estava vendo este assunto com sua própria professora, encararam com a maior normalidade.

Foi notado a cada aula que se passava, um progresso na abordagem da sexualidade, onde eles iam entendendo ao poucos que sexualidade não estava ligado apenas ao sexo. E em mais uma efetuação dos planos de aulas, foi abordado mais um tema, que desta vez estava relacionado à Pré-Adolescência e adolescência. Antes de começar as aulas, sempre era pedido para que eles falassem um pouco sobre o que seria abordado, em algumas das vezes conseguiam levantar algum questionamento, em outras vezes ao passo que ia se processando o assunto é que eles iam levantando discussão, e pegando a fala deles, começava a entrar no conteúdo desejado. Assim como foi feito com a música, exibimos para eles um DVD, onde a mídia influência no comportamento dos jovens, e foi nessa atividade que um dos alunos citou um exemplo de que seu primo havia pintado o cabelo inspirado em um dos atores daquele seriado, exemplo este que deu partida a mais uma discussão, indagamos que aquele tipo de atitude se dava em virtude da influência da mídia, e que ela poderia afetar o comportamento, o respeito e a responsabilidade frente ao relacionamento sexual.

Por motivo de perguntas em relação às mudanças que ocorre no corpo, apresentamos a eles o assunto puberdade, a aula iniciou com uma dramatização realizada por eles mesmos, ao atuar todos faziam aquilo por brincadeira, por isso se fazia tão necessário uma discussão após cada atividade. As aulas seguiam sempre de um diálogo. Eles nunca hesitavam em falar, seja com gírias ou com perguntas. A cada aula que se passava, uma nova aprendizagem se adquiria, ensinávamos para eles determinado assunto e ao mesmo tempo aprendíamos a lidar com situações criadas por eles.

Seguindo sempre de questionamentos abordados por eles, seja direto ou indiretamente, via-se a necessidade de expor temas que fazia parte do seu dia-a-dia. E assim presenciamos um dos comentários feito por um deles que dizia o seguinte: “Na rua onde moro tem uma menina de 14 anos grávida, e ela não é nem casada”. Era sempre bom escutar coisas desse tipo, pois já tinha um conhecimento da necessidade de informação que eles demonstravam. Foi no dia seguinte em que optamos em falar com eles sobre namoro, gravidez e aborto. Mostramos-lhes os valores de uma família, qual a consequência de um namoro sem responsabilidade, como aconteceria à gravidez e se era certo cometer o aborto. Ao se falar sobre esses temas, os alunos usaram de gírias para deixar o assunto engraçado, e sempre às usava para mostrar o nome correto, sem desprezar o que se era abordado por eles, além de responder as perguntas de forma simples e clara.

O estágio foi finalizado falando sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis e a prevenção dela. Antes de falar sobre o tema, procuramos fazer um levantamento sobre o conhecimento prévio dos alunos naquele assunto, foi quando responderam que já tinha visto falar em AIDS na televisão. Foi nesse momento que começamos a falar sobre a doença, como se ocorre a transmissão e que portadores de AIDS pode apresentar ou não sintomas da doença. E um deles me perguntou como eles iriam saber se a pessoa tinha ou não a doença para tomar cuidado, então foi respondido que é justamente a prevenção que impedia o contágio com a doença, como por exemplo o contato sanguíneo, mas apesar de ser uma doença contagiosa teríamos de ter respeito e solidariedade por ela

## Considerações finais

Sexualidade é uma questão ampla, pois ela envolve todo um contexto socioeconômico e cultural pelo qual passa a sociedade moderna e em transformação com a nossa, na qual as crianças e jovens tem todo um meio de acesso para se obter informações errôneas e deturpadoras.

No entanto, lidamos com a sexualidade não somente a partir do momento que ela é falada, mas em todos os momentos da vida. Assim como geneticamente, possuímos determinadas características que difere um indivíduo de outro, como a cor dos olhos, cabelos loiros ou castanhos, cor da pele, sexo masculino ou feminino. E como desde pequeno se fala sobre essas características pessoais, com as crianças, por que não falar sobre sexualidade, isto é, tudo o que envolve ser homem ou mulher?

Muitas das vezes a família hesita em falar sobre sexualidade com seus filhos, e é contra a abordagem do tema em sala de aula. E por não ter um conhecimento aprofundado, ou achar que a sexualidade só esta ligado ao ato do sexo, desenvolve nas crianças um preconceito que se estende de geração em geração. E não se tem consciência que o assunto é abordado continuamente, seja com a relação afetiva com seus filhos, nos papeis sociais por meio de perguntas que suprem as necessidades emocionais ou quando a maturidade e o desenvolvimento psicossocial são respeitados. Enfim, por intermédio de todos esses meios ocorre à educação sexual.

Tanto a escola como a família, deve se preocupar em preparar um ambiente saudável, onde jovens sintam-se a vontade para discutir sobre o tema, respeitando as várias etapas de suas vidas, uma vez que, a antecipação de informação gera ansiedade e tensão. Além de responder de maneira simples e na linguagem deles, toda informação das quais necessitam, criando assim uma relação de afeto positivo e uma abertura para o diálogo.

No entanto, a sexualidade é um tema para ser discutido naturalmente, já que somos seres sexuados, e as manifestações das sexualidades aparecem em todas as idades. Os educando, pais e professores são os responsáveis em desenvolver uma ação crítica e reflexiva sobre o assunto, além de responder as dúvidas de maneiras simples e direta. Entretanto trabalhar com a sexualidade foi uma grande experiência, já que a escola não abordava o tema da forma devida, e os alunos não estavam habituados com o assunto. Sentiram um pouco de dificuldade na discussão do tema, mas que foi superado ao longo do estágio. Enfim, mesmo com algumas dificuldades, conseguimos o objetivo que era trabalhar com a sexualidade em sala de aula.

## Referências Bibliográficas

BRASIL. PCN – **Pluralidade Cultural: Orientação Sexual**, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. -3. ed. –Brasília, 2001.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOWAY, Mirian; SILVIA, Lorena Bernardes da. **Juventude e Sexualidade**. -2. ed. –Brasília, Unesco, 2004.

LOURO, Guacira; NECKEL, Jane e GOELLNER, Silvana CORGS. **Corpo: um debate contemporâneo na educação**. Própolis, RJ: Vozes, 2003.

MATOS, Kelma Socorro Lopes. Pesquisa Educacional. **O prazer de conhecer Fortaleza**: ed. Demócrito Rocha, UECE, 2001.

MEYER, Dagmar E. Estermann. **Saúde e Sexualidade na Escola**. Porto Alegre. Editora Meditação, 1998.

SAITO, Maria Ignes; SILVA, Eduardo Vargas da. **Adolescência, prevenção e risco**. São Paulo: Atheneu, 2001.

SUPLICY, Marta. **Sexo se aprende na escola**. São Paulo: Olho D água, 2000.

TIBA, Içami. **Adolescência: o despertar do sexo, um guia para entender o desenvolvimento sexual e afetivo nas novas gerações**. São Paulo: Editora geral, 1994.

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
- BIBLIOTECA SETORIAL  
CAJAZEIRAS - PARAIBA

# ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
BIBLIOTECA SETORIAL  
CAJAZEIRAS - PARAIBA

Nome:  
Escola:  
Formação Profissional:  
Tempo de Atuação na Educação:  
Tempo de Atuação como Gestora:

## Questionário

1- Quais as dificuldades encontradas para se abordar sexualidade?

---

---

---

2- Como se trabalhar a sexualidade na escola. Que atividades realizam?

---

---

---

3- Que contribuição a escola pode oferecer no desenvolvimento de uma sexualidade saudável na vida dos alunos?

---

---

---

4- Mediante um trabalho de gestora escolar, considera a escola um espaço privilegiado para discutir sobre sexualidade?

---

---

---

5- Considera a educação sexual um fator importante na formação do professor?

---

---

---

Nome:  
Escola:  
Formação Profissional:  
Tempo de Atuação na Educação:  
Tempo de Atuação como Docente:

## Questionário

1- Qual a importância de se trabalhar sexualidade na sala de aula?

---

---

---

2- Qual a dificuldade encontrada para se trabalhar com a sexualidade de forma clara e direta?

---

---

---

3- No papel de educador considera-se preparado para falar sobre sexualidade em sala de aula?

---

---

---

4- A quem você atribui às dificuldades encontradas para discutir sobre sexualidade na escola?

---

---

---

5- A educação sexual deve ser objeto de estudo dos professores?

---

---

---

Escola: \_\_\_\_\_  
Serie: \_\_\_\_\_  
Idade: \_\_\_\_\_  
Nome: \_\_\_\_\_

## Questionário

1- Em algum momento, já ouviu falar em sexualidade?

Sim       Não

2- Para você o que significa sexualidade?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

3- Gostaria que a professora falasse sobre “sexualidade” com a turma?

Sim       Não

4 – Devemos respeitar as diferenças entre as pessoas?

Sim       Não

5-Marque com um X alguns conteúdos que você gostaria que fosse discutido na sala de aula:

Doenças como AIDS e DSTs       Gravidez

O corpo humano       Aborto

Violência sexual       Outras

A diferenças entre homens e mulheres

Se marcou outras, cite-as:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

6- Sua família discute sobre sexualidade de forma clara, em casa?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_